

Os 30 anos do GT História da Educação: sua contribuição para a constituição do campo

Ester Buffa*

Resumo: Neste artigo, a pretexto de celebrar os 30 anos do GT de História da Educação da ANPEd, estuda-se a produção acadêmica apresentada por seus integrantes nas reuniões da associação de 1984 a 2013. Sistematiza-se e problematiza-se essa produção, considerando principalmente os temas estudados e as referências teórico-metodológicas adotadas pelos autores. As fontes principais da análise são artigos que procederam a um balanço da atuação do GT bem como, quando possível, os próprios textos apresentados nas reuniões no período.

Palavras-chave: pesquisa em História da Educação, GT História da Educação da ANPEd, PPGEs.

* Doutora em Ciências da Educação pela Université René Descartes, Paris V, Sorbonne, Paris, França. Professora titular aposentada da Universidade Federal de São Carlos UFSCar, onde é professora associada do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFSCar. São Carlos. SP. E-mail: ester@ufscar.br.

Thirty years of the History of Education Work Group: its contribution towards the establishment of the field of knowledge

Ester Buffa

Abstract: Whilst celebrating the 30th anniversary of ANPEd's History of Education Work Group, its academic contributions produced by associated members 1984 to 2013 are analyzed. Academic production is systematized and problematized, particularly with regard to the themes studied and to the theoretical and methodological principles adopted by its authors. Main sources constitute articles that engendered an evaluation of the Work Group's performance and, when possible, the texts presented by their authors.

Keywords: research in the History of Education; ANPEd History of Education Working Group; critical study of the production presented in the Working Group.

Los 30 años del GT Historia de la Educación: su contribución a la constitución del campo

Ester Buffa

Resumen: en este artículo, con el pretexto de celebrar los 30 años del GT Historia de la Educación de la ANPEd (Asociación Nacional de Postgrado e Investigación en Educación), se estudia la producción académica presentada por sus miembros en las reuniones de la asociación de 1984 a 2013. Fue sistematizado y problematizado esta producción, considerando especialmente los temas estudiados y las referencias teórico-metodológicas adoptadas por los autores. Las principales fuentes del análisis son los artículos que procedieron al balance de la actuación del GT así como, en lo posible, los propios textos presentados en las reuniones en el período.

Palabras clave: GT Historia de la Educación de la ANPEd; estudio crítico de la producción presentada en el GT; producción académica en Historia de la Educación de los PPGes.

Introdução

Oh! Mnemósine, deusa da memória, atenda à invocação que lhe faço agora, reconta-me os feitos maravilhosos destes professores/pesquisadores que encontraram na disseminação das luzes não apenas uma profissão, mas a arte e a graça maior de suas vidas. Não permita que eu mergulhe por inteiro no rio *Lete*. Preserve-me do esquecimento, da infinitude, das sombras, das ausências e de seus perigos. Que minh'alma, prestes a reencarnar neste momento, não beba inteiramente as águas do rio, evitando, assim, a desmemória. Oh! Deusa, mas recordar também é perigoso. Então, façamos um trato: como hoje é dia de comemoração, poupe-me das ausências, das sombras, das trevas e me conte tão somente as presenças, as luzes, as boas lembranças. Deixemos na penumbra o desensino, o cansaço, as dificuldades, as amarguras, os desencantos, os desânimos, as desconsiderações, as mesquinharias, especialmente as que provêm daqueles que não aprenderam nenhuma lição na escola e nem mesmo fora dela. Apelo para suas filhas, as musas, que não me abandonem neste momento em que quero narrar, cantar e dançar os feitos heroicos deste grupo de estudiosos. Que eu possa alcançar a verdade no sentido que lhe davam os gregos: a *alétheia*, ou seja, o não esquecimento.

Felizmente, como vivo no tempo da palavra escrita, não dependo das histórias cantadas pelo aedo, mas tenho acesso a toda sorte de documentos e estudos devidamente grafados. Desta forma, posso utilizar tais fontes e, ao mesmo tempo, dar-lhes, talvez, um colorido com minha memória deste grupo que vi nascer e crescer. Bem sei: memória é presença e ausência, luz e sombras, lembrança e esquecimento.

Ao começar o texto com este prólogo, para além de uma intenção poética, quero dizer que esta incumbência do GT me é muito cara, no duplo sentido da palavra: querida e custosa. Custosa, porque difícil e de responsabilidade. Trato de tempos e, principalmente, de amigos por quem sinto genuíno afeto: alguns partiram e de outros quase não tenho notícias. Foi sofrido relembrar acontecimentos, alegres e tristes, que marcaram minha vida acadêmica, desde o início. Meu corpo que o diga. Fui contida e delicada, como sempre, mas, não pude deixar de fazer algumas análises que me pareceram pertinentes neste mundo acadêmico, que é, como bem o sabemos, uma fogueira de vaidades.

Breve histórico do GT-HE

O primeiro boletim publicado pela ANPED noticia a criação da então denominada Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação, em março de 1978, “[...] uma sociedade civil, sem fins lucrativos, que congrega instituições e profissionais do campo da educação, em nível de pós-graduação, com a finalidade de promover o desenvolvimento do ensino e da pesquisa” (Boletim ANPED, 1979, p. 1). Posteriormente, o termo pesquisa foi incluído no nome da associação sem que sua sigla fosse alterada.

Em 1981, na 4ª. Reunião Anual realizada em Belo Horizonte, sob a presidência de Glaura Vasques Miranda, foram instituídos Grupos de Trabalho (GTs) com o objetivo de constituir um locus de discussão e troca de opiniões sobre resultados de pesquisas realizadas, de seleção de problemas relevantes, de experiências metodológicas e de intercâmbio de informações bibliográficas, de estudos e trabalhos realizados. (Boletim ANPED, 1986). Os oito Gts criados nessa reunião foram instalados na reunião anual seguinte, realizada no Rio de Janeiro, na qual houve a proposta de criação de mais três GTs. De início, a própria Secretaria Geral se encarregou de indicar os coordenadores, utilizando o critério de “[...] renomada experiência em pesquisa e trabalhos desenvolvidos nos temas” (Boletim ANPED, 1986, p. 2). Após a consolidação, os membros de cada grupo passariam a escolher seu coordenador.

Para aqueles cuja memória da ANPED é mais recente, dos tempos em que a reunião anual acontecia em Caxambu e com um número extraordinário de congressistas, talvez fique difícil imaginar como era a ANPED dos primeiros tempos. Tratava-se de um pequeno grupo, composto basicamente por professores/pesquisadores do ensino superior que atuavam na pós-graduação. Por sua vez, os Programas de Pós-Graduação em Educação eram em número muito reduzido, uns três ou quatro doutorados e uns poucos mestrados. Ousaria afirmar que, hoje, o GT de História da Educação é bem maior, em número de participantes, do que a ANPED de então. Lembro-me, muito bem, de que os participantes da 5ª. Reunião, ocorrida no Rio de Janeiro em 1982, couberam todos num hotel que nem era grande. Talvez por ser pequeno, por ser infante, ou talvez porque meu olhar era jovem, a atmosfera das reuniões me parecia amigável, amena, prazerosa.

De alguma forma, os começos são sempre promissores. Vivíamos, então, sob o autoritarismo dos governos militares a espalhar medo e horror, a anestesiar as consciências, sobretudo as das novas gerações, que recebiam uma escolarização absolutamente despolitizada. Considero este um dos resultados mais nefastos desse período.

Em 1984, na 7ª. Reunião Anual, realizada em Brasília, foi criado o GT de História da Educação por proposta de Luiz Antonio Cunha. O pequeno grupo que se reuniu em uma das salas da UNB era composto pelos seguintes professores/pesquisadores: Maria Márcia Leporace Farret, Zuleide Araújo Teixeira, Eva Pereira, Lucia Rocha (todos de Brasília), Manoel Francisco de Vasconcelos Motta (Mato Grosso), Clarice Nunes, José Silvério Bahia Horta (ambos do Rio de Janeiro) e Ester Buffa (UFSCar/SP), a quem foi atribuída a coordenação. No primeiro ano do GT-HE, os esforços seriam no sentido da ampliação do grupo, devendo os participantes presentes indicar nomes de possíveis interessados em integrar o GT. A coordenadora encaminhou correspondência às pessoas sugeridas, convidando-os a se associar à ANPED e a integrar o GT. Guardo até hoje a cópia dessa correspondência, salva da destruição nas limpezas que, de vez em quando, fazemos nos nossos papeis. À época, havia quatro GTs em funcionamento. Atualmente, são 23.

Em 30 anos, como se sabe, a comunicação entre as pessoas melhorou significativamente graças aos avanços tecnológicos. Na época, contávamos com os serviços de correio, os quais haviam progredido muito nos governos militares e com os serviços, precários e caros, de telefonia. Outra tarefa urgente do GT era definir seus objetivos, seu *modus operandi* e suas prioridades. No primeiro relatório do GT, escrito pela então coordenadora Ester Buffa e publicado no Boletim de 1986, o grupo definiu tarefas, que pareciam simples, mas que se revelaram difíceis de realizar. Parecia aos integrantes do GT (cerca de 30 na reunião de 1986) que a questão metodológica do ensino e da pesquisa em História da Educação fosse prioritária. Como as fontes de pesquisa constituem um dos itens da questão metodológica, a ideia foi constituir um arquivo de fontes, uma bibliografia básica em HE no Brasil. Esse primeiro e importante passo logo se revelou inviável. Na reunião de 1985, realizada em São Paulo ainda conforme esse primeiro relatório, o GT-HE atribuiu-se “[...] a função de troca de experiências e de discussão das produções científicas de seus participantes” (Boletim ANPED, 1986, p. 3), as quais geralmente estavam ligadas a teses de doutorado. Nos primeiros eventos do GT, adotou-se o

modelo de painéis, com um expositor de um tema e dois debatedores. Com tal sistemática, foi realizado o primeiro painel, intitulado ‘História da educação ou educação pela história’, cujos participantes foram, como expositora, a professora da UFMG, Eliane Marta Teixeira Lopes e, como debatedores, Miguel Arroyo, também da UFMG, e Ester Buffa, da UFSCar/SP. O texto de Eliane Marta e o de Ester Buffa foram publicados no primeiro número do periódico ‘Educação em Revista’, da UFMG.

O tema desse painel era indício de um debate que despontava no campo da história da educação. Na expressão história da educação, qual das palavras é o substantivo, isto é, onde o pesquisador colocará o foco, na educação ou na história? Havia defensores de ambas as posições. Quando se coloca a ênfase no termo educação, a história aparece como uma perspectiva, uma ciência fonte da educação. Quando se coloca o foco na história, a educação aparece como uma especialização da história. Na verdade, como bem mostrou Miriam Warde, em um artigo publicado em 1990, no Em Aberto, a disciplina História da Educação

[...] não se instituiu a partir de um movimento interno da História e não foi a ele incorporada. A gênese e o desenvolvimento da História da educação estão no campo da educação, do qual ela foi convertida em ‘enfoque’, em ‘abordagem’. Assim, ‘efetivamente’, a História da Educação não se configura como uma especialização temática da História, mas uma ciência da educação ou uma ciência auxiliar da educação (p. 6, grifo do autor).

Em seguida, Miriam Warde afirma que, no Brasil, o processo de inclusão da História da Educação entre as ciências da educação foi peculiar. Tanto a História como a Filosofia da Educação, incorporadas nos currículos dos cursos normais e de pedagogia a partir dos anos 1930, o foram não propriamente como ciências da educação, mas como disciplinas formadoras. Isto é, ambas deveriam tratar do dever ser educacional, dos valores humanos mais elevados, dos conhecimentos imprescindíveis aos futuros professores. De sua origem e desenvolvimento, a História da Educação manteve esta marca: a de ser útil. Sua eficácia é medida não pelo que pode explicar dos processos históricos da educação, mas pelo que oferece de justificativas para o presente.

Não creio que, nos inícios do GT-HE, eu tivesse toda essa clareza de pensamento. O fato é que era possível observar o esforço de alguns de seus

membros por acentuar o termo história e proceder, no estudo da educação, de acordo com suas teorias, metodologias e fontes. Assim, o historiador da educação exerceria, antes de tudo, o ofício de historiador. Isto não era nada fácil para os integrantes do GT da época, formados, em sua maioria, pelos cursos de pedagogia. Havia ainda outra dificuldade: para pesquisar, os historiadores de ofício tinham objetos considerados mais nobres e pouco se importavam com a educação, considerada coisa de mulher, de professora primária. Sabemos que o estudo da educação não é um objeto prestigiado.

Durante as coordenações de Clarice Nunes e Guacira Louro, o GT enveredou por essa direção, qual seja, a de considerar a disciplina história da educação como uma especialização da história. Mais ainda, penso que, em nome de um combate ao positivismo e também ao materialismo histórico (que não eram assim declinados) e por influência da Escola dos *Annales*, foi deixada de lado a preocupação de compreender a educação no todo social, priorizando-se o estudo de objetos singulares. Em seguida, seria a vez de a História Cultural exercer hegemonia no GT. Voltaremos a tais questões.

O fato é que o GT- HE crescia e gozava de um prestígio cada vez maior. Se, no início, poucos eram os trabalhos apresentados, porque pequeno era o grupo, com o tempo foi preciso organizar novas formas de funcionamento do GT, de todos os GTs, nas reuniões anuais. Já faz tempo que se optou pela forma de trabalhos encomendados, de apresentação de trabalhos inscritos e avaliados por um comitê científico (a partir de 1992), após avaliação de consultores ad hoc designados pelos GTs, e de pôsteres. Em 1986, apenas dois anos depois de sua criação, o GT-HE já contava com 30 participantes. A última reunião, em 2013, contou com 157 participações. De 1985 a 2013, foram apresentados 258 trabalhos e 103 pôsteres. Estas e outras informações encontrei no competente texto da atual coordenadora do GT-HE, Maria Helena Câmara Bastos. O texto, intitulado *Grupo de Trabalho História da Educação da ANPED: uma breve história*, figura no site da ANPED.

Além dessas atividades, o GT-HE ofereceu minicursos, realizou exposições temáticas, publicou estudos e pesquisas, principalmente nas décadas de 1980 e 1990. A primeira publicação do GT ocorreu em 1989, no segundo número dos Cadernos ANPED, intitulado *Diretrizes e bases da educação: o nacional e o regional na história da educação brasileira e*

composto por artigos de Clarice Nunes (org.), Ester Buffa, Guacira Lopes Louro, José Silvério Bahia Horta e Marta Maria Chagas de Carvalho.

Teve origem no GT o Congresso Luso Brasileiro de História da Educação. Integrantes do GT participaram da comissão organizadora e do comitê científico nacional do evento. O GT também participou ativamente na criação, em 1999, da Sociedade Brasileira de História da Educação que, como sabemos, organiza congressos e publica um periódico importante. Proporcionando a discussão de temas específicos, muito frutíferos foram alguns estágios de intercâmbio organizado pelo GT e patrocinados por agências financiadoras.

Como escreveu Marta Carvalho, o GT-HE tornou-se “[...] um fórum permanente de discussão das questões de história da educação”, uma oportunidade importante para que pesquisadores de todas as regiões do país se reunissem e discutissem suas pesquisas. A nova produção historiográfica elaborada no interior dos inúmeros Programas de Pós-Graduação em Educação espalhados pelo país era posta em circulação, já muito facilitada pela informática. O GT-HE tornou-se assim “[...] uma caixa de ressonância da produção saída das universidades” (Carvalho, 2000 apud Catani & Faria Filho, 2002, p. 3-4). Seu papel na constituição do campo da História da Educação no Brasil é inegável. Dispensamo-nos de apresentar dados mais detalhados, como, por exemplo, os nomes dos sucessivos coordenadores do GT, o número de trabalhos apresentados, dos minicursos oferecidos, a relação dos estágios de intercâmbio e outros: esse trabalho já foi muito bem feito por Maria Helena Câmara Bastos no texto que figura no portal da ANPED.

Os estudos já realizados sobre a atuação do GT-HE

Considero que um balanço dos estudos apresentados e discutidos no GT-HE já foi feito, e muito bem feito, em pelo menos três artigos, indicados por ordem cronológica de publicação:

- 1) o de Denice Bárbara Catani e de Luciano Mendes Faria Filho, intitulado Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas pelo GT História da Educação da ANPED (1985-2000), publicado no número 19 da Revista Brasileira de Educação, de janeiro a abril de 2002, com 21 páginas.

2) o de Diana Gonçalves Vidal e Luciano Mendes Faria Filho, intitulado *História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970)*, publicado no volume 23, número 45 da Revista Brasileira de História, de julho de 2003, com 29 páginas.

3) o de Marisa Bittar, intitulado *O estado da arte em História da Educação brasileira após 1985: um campo em disputa*, publicado no site do HISTEdBR, Campinas, 2006, com 24 páginas.

Esses artigos revelam a importante função investigativa que o GT realizou durante sua existência, redundando na configuração e na constituição da identidade desse campo. Vou retomá-los, detendo-me em suas análises e conclusões, já que me parecem relevantes para a compreensão da história do GT e, conseqüentemente, da própria história da educação brasileira.

Conforme informam no resumo, Catani e Faria Filho analisaram as características da produção divulgada pelo GT de História da Educação de 1985 a 2000, bem como o processo de constituição do GT como um ‘lugar de produção’ da pesquisa histórico-educacional brasileira e, assim, mostraram-no como um espaço de debate teórico-metodológico e de surgimento e fortalecimento de novas perspectivas de investigação. Dos 223 trabalhos efetivamente apresentados no período, os autores tiveram acesso a 187, um número expressivo. Examinando esse material e considerando o crescimento quantitativo de participação dos pesquisadores e as características da produção divulgada, identificaram dois momentos distintos na história do grupo, cujo marco divisor foi o ano de 1990. O primeiro momento abrange o período de 1984 a 1989 e o segundo, de 1990 em diante.

Baseados nos relatórios dos coordenadores do GT apresentados em cada reunião anual, os autores afirmam, em síntese, que, ao final da década de 1980, o GT-HE, que rapidamente crescera, já se constituía em lócus de produção da história da educação brasileira, dele participando pesquisadores dos principais Programas de Pós-Graduação em Educação do país. Os trabalhos apresentados e discutidos não foram muitos, porém o esforço para a consolidação do grupo foi enorme. Nesse primeiro

momento, o GT se empenhou em favorecer o debate das pesquisas em suas dimensões teórico-metodológicas, principalmente no que diz respeito à organização de fontes de investigação. Grande parte dos trabalhos apresentados relaciona-se às teses de doutorado realizadas nos anos 1980. Concluem os autores que, nessa primeira fase, havia não só uma diversificação temática, mas também uma diversidade de referenciais. De meu ponto de vista, a diversificação epistemológica e temática perpassou toda a história do GT-HE.

Para justificar o que identificaram como o segundo momento na evolução do GT, cujo ponto de inflexão foi o ano de 1990, Catani e Faria Filho utilizaram o Relatório das atividades do GT da 13ª. Reunião Anual, 1990, escrito pela então coordenadora Clarice Nunes, para quem, nessa reunião, teriam acontecido dois movimentos muito significativos. Um deles referia-se a uma mudança de atitude: embora os integrantes do GT não tivessem formação superior em História, não se envergonhavam mais por fazer história. Ou seja, abraçavam, com mais clareza, as lutas da história da educação dentro da história (processo/disciplina). O segundo movimento consistiu no direcionamento da ação em virtude da renovação da interpretação histórica, seja considerando antigas temáticas, seja procurando construir novos objetos. Considero tais afirmações de Nunes um tanto eufóricas, próprias de quem pensa que venceu se não a guerra, ao menos uma batalha: a de firmar, para os educadores, a história da educação como especialização da história. Os historiadores de ofício, parece-me, sequer se preocupavam com essas questões. Catani e Faria Filho aderiram apressadamente à afirmação de Nunes de que a reunião de 1990 teria sido um divisor de águas.

Em seguida, empreendendo uma análise quantitativa da bibliografia dos trabalhos apresentados entre 1984 e 2000, Catani e Faria Filho mostraram que os autores mais citados foram P. Bourdieu, R. Chartier, M. Foucault, J. Le Goff, M. de Certeau e K. Marx o que, sem dúvida, revela a diversidade de referenciais teóricos que iam sendo incorporados pelos historiadores da educação.

Na sequência, Catani e Faria Filho analisaram os relatórios do GT apresentados em cada reunião anual até o ano de 2000, mostrando o crescimento quantitativo do grupo, o aumento do número de trabalhos apresentados, suas relações com outros GTs, a organização de minicursos, de estágios de intercâmbio, de publicações, de organização de exposições, de relações com pesquisadores e grupos de outros países, isto é, sua

internacionalização, os temas presentes e emergentes dos trabalhos, o período abordado. Entre os temas, aparecem como recorrentes os ligados à chamada Nova História e à História cultural, como, por exemplo, a pesquisa das questões de gênero, da história da leitura e dos impressos, das disciplinas e dos livros didáticos etc. Em suma, o que se percebe é a explosão dos temas e objetos de pesquisa relacionados à História da Educação nos anos 1990, os quais foram resultado dos novos aportes teórico-metodológicos apropriados pelos pesquisadores da área.

O relevante e muito bem elaborado texto de Catani e Faria Filho não conseguiu, no entanto, me convencer da propriedade da distinção entre duas fases na história do GT, tendo por dobradiça a sétima reunião do GT. Como afirmei, esses autores acataram a leitura feita por Nunes, a qual é apenas uma das leituras possíveis do que aconteceu no GT na reunião de 1990. Para mim, essa história foi sendo construída por seus integrantes, alguns, sem dúvida, mais assíduos, batalhadores, impositivos, os quais sofriam diferentes influências intelectuais vindas de outro continente e também da própria, tão desejada, disciplina mãe, a história. Além disso, em que pesem as muitas qualidades do artigo, lamento que seus autores tenham se restringido a uma análise interna do GT. Nenhuma menção ao que acontecia no Brasil e no mundo e suscitava temas e questões a ser compreendidas: o fim do regime militar, a redemocratização do país, a proposta de uma nova LDB, a queda do muro de Berlim que mostrava o fracasso do chamado socialismo real. Havia teorias pedagógicas que sepultavam o sonho do liberalismo pedagógico - as luzes combatendo as trevas - e outras que mostravam a escola como reprodutora da sociedade, consequentemente, das desigualdades sociais. Muita euforia, mas também muito desencanto.

Assim, os problemas teórico-metodológicos estiveram, durante todo o período, na ordem do dia. Compreender os processos históricos que deram origem e sustentação à nossa educação, à nossa escola, sem dúvida era importante, mas era preciso também compreendê-los inseridos nos processos históricos societários. Com que aportes teóricos? Essa discussão era fundamental. A enorme dificuldade de compreender o real nos levava, muitas vezes, a nos contentar em estudar o singular, o pontual, com o que perdíamos de vista sua relação com o universal. Penso que o GT caminhou muito mais nesta segunda direção, com competência, é verdade. Muitas vezes, as questões teórico-metodológicas foram reduzidas ao problema das fontes de investigação, sem dúvida importante, porém insuficiente.

No segundo texto, precioso, os autores Diana Vidal e Luciano Faria Filho dedicam-se, como indica o título, a retratar a constituição do campo da história da educação no Brasil em dois prismas. No primeiro, eles elaboram um histórico da disciplina, considerando suas três vertentes: a da tradição historiográfica do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), a das escolas de formação do magistério - escolas normais e de pedagogia – e a da produção acadêmica entre 1940 e 1970. Pelo segundo prisma, tratam do trabalho realizado nos últimos 20 anos (até 2003, ano da publicação do artigo), pontuando temas e períodos de interesse investigativo e os suportes teóricos mais recorrentes.

Como se percebe, o tema do texto ultrapassa a atuação do GT-HE, a qual, no entanto, aparece quando tratam do segundo momento, no qual verificam uma forte aproximação entre a pesquisa nos Programas de Pós-Graduação e o próprio GT da ANPEd. Os autores afirmam que, na criação dos Programas de Pós-Graduação em Educação em fins de 1960 e 1970, ocorreu uma forte aproximação entre História e Filosofia. Essa aproximação já existira anteriormente, mas, agora, tinha como base o referencial teórico marxista, primeiro de Althusser (1960-70) e depois de Gramsci (1970-80). Citam João Carlos Barreira, para quem os aspectos que mais chamavam a atenção na produção inicial dos Programas de Pós-Graduação “[...] eram a abordagem dialética associada ao veio histórico da dependência, a importância metodológica atribuída ao contexto e o peso exercido pelas determinações econômicas” (apud Vidal & Faria Filho, 2003, p. 17). Em meu entendimento e memória, isso ocorria, de fato, nos Programas de Pós-Graduação em Educação e, mesmo assim, em alguns deles, mas não reverberava tanto no GT-HE.

Para os autores, o GT-HE, criado, em 1984, no interior da principal instituição científica da área, a ANPEd, utilizando-se muito positivamente desse lugar e do apoio auferido, tornou-se, rapidamente, o principal espaço nacional de aglutinação de pesquisadores, de crítica historiográfica e de difusão de novos horizontes de investigação na área, como a história das mentalidades, o pós-estruturalismo e a história cultural, influenciando vários centros de ensino e pesquisa brasileiros.

Os autores mencionam, ainda, como importante protagonista do campo, o HISTEdBR, que, criado em 1986 com sede na Unicamp, articulava mais de duas dezenas de grupos em quase todos os estados brasileiros e realizava reuniões periódicas para debater suas pesquisas. Afirmam que, de acordo com o coordenador geral do HISTEdBR,

Dermeval Saviani, em conferência pronunciada no IV Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil, ocorrido em 1997, o grupo “[...] surgiu, como sugere o seu nome, com a preocupação de investigar a História da Educação pela mediação da Sociedade, o que indica a busca de uma compreensão global da educação e de seu desenvolvimento. Contrapunha-se, pois, à tendência que começava a invadir o campo da historiografia educacional” (Vidal & Faria Filho, 2003, p. 18). Tal tendência, segundo Vidal e Faria Filho, é, nas produções do grupo, constantemente associada ao paradigma pós-moderno e à história cultural e sua recusa afirma um ‘viés’ marxista de análise histórica. Pela primeira e talvez única vez (porque depois este debate foi praticamente silenciado no GT), reconheceu-se que, no campo da história da educação brasileira, havia dois grupos distintos, ambos significativos, que usavam em suas análises referenciais teórico-metodológicos opostos. Ninguém precisa aceitar ou gostar de determinada teoria, mas, o uso o termo viés para designar uma teoria revela uma leitura ideológica. No mínimo equivale a chamar uma língua de dialeto.

Neste momento, não quero polemizar, menos ainda fazer declarações de fé, que, no quadro atual do mundo e do Brasil e da minha própria vida, nem tenho. Apenas quero lembrar que essa é uma característica do campo, tal como o entende P. Bourdieu: uma luta renhida por posições. O campo é sempre um campo de Ares. Aliás, os autores reconhecem isso no final do artigo. Retomando Michel de Certeau, escrevem, lindamente, um alerta:

Michel de Certeau, ao discorrer sobre a ‘operação historiográfica’, sugere a existência de um conjunto (por vezes tácito) de regras de enunciação no campo, constituídas por e constituintes de um corpo de sujeitos que nele transitam. Forçoso é então assumir que, partícipes da construção da disciplina História da Educação, nós, os autores, somos, nos momentos mais recentes, sujeitos e objetos desta narrativa. E, mais do que isso, que as fontes que utilizamos são, elas também, peças do jogo político que institui a memória (e produz o esquecimento) nas constantes ‘lutas de representação’ travadas no interior do campo (Vidal & Faria Filho, 2003, p. 19, grifo do autor).

Assim, com uma análise mais abrangente, os autores conseguem chegar a certas compreensões, o que seria impossível sem uma visão societária global.

Finalmente, o terceiro texto em que nos baseamos para realizar um balanço dos estudos e pesquisas do GTé o de Marisa Bittar, que enfoca o estado da arte da História da Educação brasileira após 1985, caracterizando-a como um campo em disputa. Dessa forma, trata primeiramente do contexto histórico-acadêmico em que se insere a pesquisa e a produção em História da Educação. De uma parte, os traços históricos fundamentais da época: no plano nacional, o fim da ditadura militar, a construção do estado de direito democrático e as novas contradições inerentes à sociedade brasileira que se reorganizava nos marcos de um capitalismo urbano-industrial; no âmbito internacional, a queda do muro de Berlim, o fim da União Soviética e a mundialização do capital que decretaram a derrocada do socialismo real. De outra parte, a consequência de tais fatos no campo epistemológico: a chamada crise dos paradigmas. Esses fatores, interligados, formam a tela de fundo da produção acadêmica do período e sobre o período. Além disso, um fator intrínseco do campo universitário o distingue dos períodos anteriores. Trata-se da multiplicidade, da complexidade e da variedade da produção científica oriunda dos Programas de Pós-Graduação, cujos primeiros frutos apareceram antes de 1880.

Bittar cita alguns estudos, como os de Silvio Gamboa, Mirian Warde e Sanfelice, os quais, ao analisar a produção acadêmica dos PPGEs, mostram que, desde o final dos anos 1970 e na década de 1980, havia uma variedade de abordagens teóricas, com expressiva influência do materialismo histórico. Muitas dissertações e teses, com base na teoria marxista, a mais censurada pelo regime militar, passaram a criticar a política educacional da ditadura, oriunda do autoritarismo e da teoria do capital humano. Em um primeiro momento, a crítica foi realizada pela teoria reprodutivista que inscrevia a escola no conjunto das relações capitalistas e também desnudava a crença ingênua de que a escola pudesse ser o veículo das transformações sociais.

Nesse ponto, Marisa Bittar retoma estudos de Mirian Warde, Luiz Antonio Cunha, Pedro Goergen e José Luiz Sanfelice sobre a qualidade da produção acadêmica, nos quais eles apontavam graves problemas. Nesses estudos, eles não estariam, segundo a autora, se referindo ao GT-HE, porém, como neste estava presente, majoritariamente, a produção realizada na pós-graduação, suas críticas são pertinentes também ao que ocorria no GT. Em síntese, marcariam essa produção a pobreza teórica e a inconsistência metodológica, a contraposição entre pesquisa empírica e

teórica, pesquisa dialética e positivista, quantitativa e qualitativa. Além disso, afirmam que, apesar de novos temas terem surgido em decorrência das novas abordagens, boa parte dos trabalhos incidia sobre temas irrelevantes e pouco significativos. Sanfelice, por sua vez, manifestou desconforto com “[...] certa indução a uma novidade aparentemente vantajosa para a historiografia educacional brasileira, indução a uma forma de fazer historiografia, mas sem a explicitação dos fundamentos filosóficos, epistemológicos ou ideológicos deste novo posicionamento” (Bittar, 2006, p. 6). Enfatizou que “[...] aderir ao ‘novo’, divulgar o ‘novo’, sem ter o domínio crítico epistemológico do ‘velho’ que estaria sendo superado, pode ser descaso, ingenuidade ou mesmo intencionalmente a opção por outros interesses. É, sem dúvida, uma postura novidadeira” (Bittar, 2006, p. 7, grifo do autor).

Prosseguindo na análise, Bittar mostra que, se tal postura se difundia na História da Educação, era porque o mesmo problema atravessava o campo da pesquisa em História, como já haviam mostrado Ciro Flamaroni Cardoso em 1995 e Luis Felipe de Alencastro, em 1994. Para este autor, houve um mal-entendido muito grande quando se incorporaram, acriticamente, as novas tendências francesas à nossa historiografia. Ele alude à perda da tradição das grandes obras de interpretação do Brasil, afirmando que, no Brasil, houve uma interpretação equivocada da *École des Annales* e do que é chamada a Nova História francesa. Na França, a discussão acontece com a retaguarda de uma historiografia bem estabelecida, um ensino de história muito eficaz no secundário e nas universidades e uma história positivista muito bem sedimentada, com datas, personagens etc. De acordo com Alencastro, quando a *École des Annales* começou a combater isso, já antes da Segunda Grande Guerra, ninguém pensou, como se fez aqui, que as datas não tinham a menor importância. Além disso, nenhum desses historiadores franceses, como J. Le Goff, Duby e outros, é só especialista em mentalidades. Eles são também especialistas em história econômica e política; essas são suas bases. Ao se desconsiderar isso no Brasil, perdeu-se a ideia de ‘última instância’. Os historiadores, nesse caso, estabeleceram uma equivalência de fatores, ou seja, a análise se descompromissou inteiramente com a arbitragem de uma hierarquia entre eles (Alencastro apud Bittar, 2006, p. 8-9).

Ao finalizar a análise contextual, Bittar sinaliza para a inflexão desse panorama irracionalista no final dos anos 1990, em razão, de um

lado, do fracasso da expectativa de que a ‘globalização’ seria um remédio para os males do capitalismo e, de outro, da percepção de que os chamados novos paradigmas não conseguiram firmar um estatuto epistemológico próprio. Isto significa que o processo acelerado do desenvolvimento das forças produtivas (ciência e tecnologia aplicadas à produção) implicou uma separação entre filosofia e ciência. Esse processo, iniciado com a Revolução Industrial do século XIX, acentuou-se ainda mais nos últimos decênios do século XX, a ponto de fragmentar o conhecimento em tal nível que cada ciência passou a produzir sua própria ‘epistemologia’. Criou-se, assim, uma situação fecunda para o que se convencionou chamar de ‘pós-modernidade’. Ou seja, perdeu-se, ao longo do século XX, a importância das epistemologias que haviam sido engendradas pelos sistemas filosóficos que objetivavam a ideia de totalidade.

Em seguida, Bittar enfoca o estado da arte da produção em HE, considerando três de seus lugares: o GT/ANPED de História da Educação (1984), o HISTEdBR (1986) e, por fim, a Sociedade Brasileira de História da Educação – SBHE- (1999). Considerarei apenas suas observações a respeito da produção do GT-HE, relativa ao período de 2000 a 2005. A autora apresenta as informações de cada reunião anual do GT, focalizando os temas dos trabalhos apresentados, os períodos estudados, as fontes utilizadas. Analisa os dados coletados da produção veiculada no GT-HE no período, situando-os em três pontos de vista: a presença do período histórico posterior a 1985; os temas mais recorrentes e o referencial teórico metodológico adotado nas pesquisas. Mostra, inicialmente, que o período posterior a 1985 é quase ausente das pesquisas em HE, embora muito presente em outros Gts. Quanto ao GT-HE, fica claro que o período mais investigado é a primeira metade do século XX. Os temas mais frequentemente pesquisados e apresentados nas reuniões anuais foram: Escola Nova, gênero, infância, profissão docente, memória, discursos, imagens, leitura. Com relação ao referencial teórico-metodológico presente nessa produção, um traço comum é a influência das ideias pós-modernas. Afirma que tal aspecto está presente em todo o campo, embora em alguns âmbitos mais do que em outros. A autora explica que o período pós-1985 foi marcado pela investida contra os ‘velhos esquemas interpretativos’. Condenaram-se certos temas ao esquecimento e elegeram-se outros, mais pontuais, que despertaram mais atenção dos estudiosos. Afirma, apoiada em Ciro Flamarion Cardoso, que a consequência para a História da Educação foi a de que, com a postura pós-moderna, determinados assuntos sumiram das pesquisas, sem que tivéssemos

chegado a alguma conclusão sobre eles, ao passo que outros, alçados à primeira grandeza, passaram, sistematicamente, a reincidir. Concluindo seu texto, lembra Bourdieu que, ao analisar os conflitos que ocorrem no campo, chama a atenção para o fato de que a redundância observada nos domínios mais consagrados é o preço do silêncio que paira sobre outros objetos.

O texto de Marisa Bittar tem um eixo interpretativo explícito, o do materialismo histórico. É desse ponto de vista que ela analisa a produção difundida no GT-HE, de 1985 a 2005, e considera sua inserção na sociedade brasileira.

Não gostaria de terminar esta síntese do balanço das atividades e da produção científica difundida no GT-HE elaborado, com competência, pelos nossos colegas professores, pesquisadores e participantes ativos do GT, sem mencionar um texto que escrevi em 1997 e apresentei no 11º. COLE (Congresso de Leitura) realizado em julho daquele ano na UNICAMP, especialmente porque eu participava do debate. Solicitada a falar sobre fontes de investigação em História da Educação, atribuí ao texto que então escrevi uma dupla finalidade. Na primeira parte, apresentei os traços distintivos das principais correntes epistemológicas (positivismo, materialismo histórico, as novas abordagens) e as respectivas influências que exerciam no processo de produção do conhecimento histórico, especialmente no âmbito da educação. Para tanto, utilizei as críticas formuladas por Ciro Flamarion Cardoso e Luiz Felipe de Alencastro, acima mencionados. Em seguida, fiz uma breve exposição dos resultados de pesquisas que Nosella e eu havíamos realizado sobre instituições escolares. Em nossas conclusões, apontávamos que o desafio metodológico maior dessas investigações era o de articular, adequadamente, alguns princípios teóricos gerais aos dados empíricos encontrados nos arquivos de antigas escolas. Indagávamos, então, se estávamos conseguindo captar, nas particularidades de uma escola, características gerais da sociedade e da educação brasileiras, se estávamos conseguindo captar o clima cultural, o espírito da época, com base no estudo de uma escola. Sabíamos àquela época, como sabemos hoje, que é relativamente fácil afirmar que o universal palpita no particular, assim como é relativamente fácil encontrar tanto brilhantes estudos teóricos quanto estudos particulares que patinam no empírico. Também tínhamos consciência de que o desencanto pelas visões paradigmáticas, bem como o fastio pelo pontual meramente curioso, levavam-nos a enfrentar enorme

desafio. Tão simples, dizíamos, como amarrar o sino em um tigre. Tal texto foi publicado no número 12 do periódico ‘Série-Estudos’, em 2001.

A produção do GT de 2005 a 2013

É preciso agora completar o levantamento da produção do GT considerando o período mais recente com o objetivo de verificar os temas e os referenciais mais recorrentes, aquilatando continuidades e/ou discontinuidades em relação aos períodos anteriormente considerados pelos nossos autores. Para tanto, considere a programação e os relatórios do GT de cada reunião anual e, quando possível, os resumos dos trabalhos apresentados.

28ª. Reunião Anual (2005) – foram apresentados 12 trabalhos, um dos quais encomendado, e sete pôsteres. Nesta reunião, foi apresentada a figura do debatedor dos trabalhos. Os temas foram os seguintes: intelectuais e educação, integralismo e ação católica, educação do corpo, educação escolar, infância, higiene e educação, cultura escolar, prática docente, livros e manuais escolares, infância, estado, igreja e educação. Trabalho encomendado: Luiz Felipe Baêta Neves (UERJ) – História intelectual e história da educação. Sessão especial: Campos de produção do conhecimento pedagógico, ensino e formação de professores, sob a responsabilidade de Margarida Louro Felgueiras (Universidade do Porto) e de Denise Catani (USP). Cerca de 100 participantes.

29ª. Reunião Anual (2006) – foram apresentados 12 trabalhos, um dos quais encomendado, e três pôsteres. Temas: escritas de professores e especialistas, manuais pedagógicos, financiamento da educação, cultura escolar, fotografia como objeto de pesquisa, educação para a diversidade, imprensa como fonte de pesquisa, arte de ensinar e modernidade, intelectuais e educação. Trabalho encomendado: História do livro e do livro didático, por Kazumi Munakata. Duas sessões especiais: Cultura escrita e letramento, com a participação de Anne-Marie Chartier (INRP) e Maria de Lourdes da Trindade Dionísio (Un. do Minho), e Currículo e História, com a participação de Ivor Goodson (Un. of Brighton) e Kasumi Munakata (PUC/SP). 90 participantes.

30ª. Reunião Anual (2007) - foram apresentados 11 trabalhos, um dos quais encomendado, e 16 pôsteres. Temas: manifestos e manifestantes na educação brasileira, ofício de ensinar, intelectuais e concepções de universidade, instituição escolar, periódicos, método lancasteriano, ensino

religioso, escola nova, escola normal rural, feminização do magistério, culturas escolares (festas escolares), profissão docente, leituras de professoras, inserção da ginástica. Trabalho encomendado: *Annales: História e Ciências Sociais*. Duas sessões especiais: Escalas de observação: possibilidades de pesquisa e relações entre educação, história e ciências sociais, com a participação de Jacques Revel e Zaia Brandão (PUC-RJ), e História da educação do negro no Brasil: perspectivas e limites, por Maria Lúcia Rodrigues Muller (UFMT) e Cynthia Greive Veiga (UFMG). Cerca de 140 participantes, número dos mais expressivos.

31^a. Reunião Anual (2008) – foram apresentados 12 trabalhos, um dos quais encomendado, e dois pôsteres. Temas: escolarização da infância, espaço escolar, parque infantil, fontes estatísticas em história da educação. Trabalho encomendado: *Tendências atuais da História da Educação na América Latina* por Silvina Gvirtz. O GT contou com 40 participantes. Juntamente com o GT Afro-brasileiros e Educação, foi programada uma sessão especial: O oral e o escrito no processo de civilização da América Latina. O tema foi sugerido em razão da comemoração dos 200 anos da chegada da Família Real ao Brasil e da fundação da imprensa no país. Estava prevista a participação de Silvina Gvirtz e de Heloisa Villela, mas só esta participou, pois Gvirtz precisou retornar a Buenos Aires.

32^a. Reunião Anual (2009) – foram apresentados 12 trabalhos, um dos quais encomendado, e 3 pôsteres. Os temas foram: educação medieval, missões protestantes e educação, práticas de leitura, formação de professores, infância, cultura escolar, instituições de ensino e espaço escolar, magistério secundário, inspeção escolar. Trabalho encomendado: 1759 – 2009: 250 anos de ensino público: contribuições para o estudo da educação no mundo luso-brasileiro, por Thais Nívia de Lima e Fonseca (UFMG) e Tereza Maria Rolo Fachada Levy Cardoso (CEFET-RJ). Juntamente com o GT Estado e política educacional, foi realizada uma sessão especial: Educação, República e Cidadania, com os professores Jamil Cury (PUC/MG) e Marlos B. Mendes da Rocha (UFJF). Cerca de 120 participantes.

33^a. Reunião Anual (2010) – foram apresentados 11 trabalhos, dos quais um encomendado, e 2 pôsteres. Temas: grupos de pesquisa em HE no Brasil, impressos, educação libertária, práticas educativas, escola pública, ideias pedagógicas, instituição escolar, formação de professores, arte como princípio educativo. Trabalho encomendado: *Cenários da História da Educação na Inglaterra*, por Gary Mc Cullock da Universidade

de Londres. Duas sessões especiais: uma foi organizada com os GTs. de Filosofia, Sociologia e Psicologia da Educação com o título Fundamentos da Educação: relação teoria e prática na formação do educador, contando com a participação dos professores Gary McCulloch, José Sergio Fonseca de Carvalho (USP), Luciane Maria Schlindwein (UFSC) e coordenação de Belmira Bueno (USP); a segunda teve como título Ética na conduta e nas políticas de pesquisa e contou com a participação dos professores Luciano M. Faria Filho (UFMG) e Newton Duarte (UNESP/Araraquara) e com coordenação de Nadja Hermann (PUC/RS). Cerca de 90 participantes.

34ª. Reunião Anual (2011 – Natal, RN) – foram apresentados 14 trabalhos, um dos quais encomendado, e 9 pôsteres. Temas: escola compulsória na Inglaterra, história e historiografia, currículo: circulação de ideias e métodos de pesquisa, infância, cidade e educabilidade, produção didática, práticas culturais, obrigatoriedade do ensino primário, instituição escolar, docência, livro didático, cultura da escrita, impressos. Trabalho encomendado: Acervos e Museus escolares, sob a responsabilidade de Francisco Régis Lopes Ramos (UFC). Relacionada ao tema, uma sessão especial foi realizada juntamente com os GTs de Filosofia, Sociologia e Psicologia da Educação: Patrimônio e memória: a arte de guardar, com a participação de Maurício V. Ferreira Filho - Diretor do Museu Imperial de Petrópolis/RJ, Maria Cristina Menezes (UNICAMP) e coordenação de Maria Teresa Santos Cunha (UDESC, SC). 133 participantes.

35ª. Reunião Anual (2012 - Porto de Galinhas, PE) – foram apresentados 14 trabalhos, um dos quais encomendado, e 6 pôsteres. Os temas foram: livro didático, produção didática, LDB de 1961, ideário educacional, ensino escolar, escritas escolares, intelectuais, formação de professores, ensino agrícola, grupos escolares, regional e nacional. Trabalho encomendado: Momentos e lugares do livro didático na História da Educação, por Circe Maria Fernandes Bittencourt (PUC/SP). Em conjunto com o GT Sociologia da Educação, foi organizada uma sessão especial: As classes populares face às transformações da escola e do mundo do trabalho: itinerários profissionais e familiares, cujos conferencistas foram Jean-Pierre Faguer da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, Paris e David Vincent da Open University, Londres. O debatedor foi César Paulo Carrano (UFF). 172 participantes.

36ª. Reunião Anual (2013- Goiânia, GO) – foram apresentados 12 trabalhos, um dos quais encomendado, e 6 pôsteres. Temas: intelectuais,

inspeção da instrução pública, história cultural, história comparada da educação, ensino da escrita, ensino ativo, grupos escolares, higiene e educação agrícola, história da profissão docente, escolarização e classificação racial, educação infantil, espaço escolar, coeducação e feminização do magistério, instituição escolar, utilização do rádio pelo MEB. Trabalho encomendado: A disciplina História da Educação em debate, por Silvia Finocchio (da Universidade de Buenos Aires), Décio Gatti (UFU) e Marisa Bittar (UFSCar). Juntamente com os GTs de Sociologia, Filosofia e Psicologia da Educação, foi organizada uma sessão especial: Relações entre a Filosofia, a História, a Psicologia e a Sociologia da Educação: tendências e perspectivas. Os conferencistas foram: Nadja Hermann (PUC/RS), Mirian Warde (UNESP), Zaia Brandão (PUC/RJ), Diana de Carvalho Carvalho (UFSC) e Kimi A. Tomizaki (USP) sob a coordenação de Pedro A. Pagni (UNESP/Marília). 157 participantes.

Em síntese, de 2005 a 2013, os temas mais frequentes foram os relativos a ideias pedagógicas de renomados autores, infância, educação escolar, variadas questões ligadas a professores, tais como formação, atuação profissional, práticas, escritas, arte e ofício de ensinar, feminização do magistério, práticas educativas. Há temas ligados à instituição escolar, seu espaço, grupos escolares, escolas rurais. Com bastante frequência aparecem temas ligados à cultura do impresso, manuais e livros didáticos, produção didática, escritas escolares, periódicos, leituras de professoras. Há, ainda, temas esparsos, como financiamento da educação, inspeção escolar, educação libertária, história e historiografia, escola nova, ensino religioso etc. Também são usuais os estudos sobre as ideias pedagógicas de nossos grandes educadores, principalmente os ligados à Escola Nova, como Anísio Teixeira e outros. No período, quase desapareceram os estudos de gênero, muito frequentes nos anos 1990. A maioria absoluta dos temas refere-se à educação escolar. Os recortes dados aos temas quase sempre são reduzidos no tempo e no espaço, uma das tristes marcas que o produtivismo reinante de uns tempos para cá imprimiu à pós-graduação.

Pelo que pude observar lendo os resumos dos trabalhos apresentados, quando isto foi possível, o período mais focalizado continua sendo o século XX, especialmente em sua primeira metade.

Lendo apenas o resumo dos trabalhos apresentados, é difícil perceber o referencial teórico utilizado. Muitos resumos sequer mencionam referências teóricas. Às vezes, é possível inferi-las com base

na menção a algum autor ou a algum conceito mais marcado. Sem dúvida, a maioria dos trabalhos apresentados inscreve-se na órbita da denominada Nova História, principalmente a francesa, da História Cultural, da História das Mentalidades.

Como se sabe, os trabalhos apresentados nos GTs são fruto da produção realizada nos Programas de Pós-Graduação pelos orientadores e orientandos que formam grupos de pesquisa, muitos deles indexados no Diretório do CNPq. A publicação de artigos de autoria de pós-graduandos e seus orientadores é estimulada pelos programas e também pelas agências avaliadoras e de fomento. Trata-se, sem dúvida, de uma prática muito interessante que pode explicar também a incidência de certos temas e referenciais teóricos no próprio GT. Ou seja, não estamos infensos a modismos e a coisas menos nobres diante do lema: ‘publique ou morra’.

Em suma, a lista dos temas e referências é extensa, variada, rica. Diante disso, resolvi atentar para os temas dos trabalhos encomendados para cada reunião, os quais poderiam revelar, quem sabe, menor dispersão, já que são pensados e propostos com antecedência e liberdade de escolha do tema e do autor. Infelizmente, não tive acesso a esses trabalhos, embora conheça muitos dos autores. Posso afirmar, no entanto, que, de 2005 a 2013, os trabalhos encomendados pelo GT-HE centraram-se no debate dos seguintes temas: História da Educação enquanto disciplina (2013), suas relações com a história intelectual (2005), suas relações com as ciências sociais e com a Escola dos *Annales* (2007), tendências atuais da História da Educação na América Latina (2008), cenários da História da Educação na Inglaterra (2010). Dois trabalhos encomendados referiram-se ao livro didático (2006 e 2012), um relativo a fontes de investigação em acervos e museus escolares (2011) e outro aos 250 anos do ensino público no mundo luso-brasileiro (ligado ao tema escolhido para a Reunião da ANPEd de 2009). Chama minha atenção o fato de cinco dos trabalhos, de um total de nove, discutirem a disciplina História da Educação, suas relações com as ciências sociais, suas tendências atuais e como ela vem sendo conduzida em outros países. O debate não está concluído e, mais uma vez, revela-nos a importância do estudo das concepções de história, do conhecimento de sistemas filosóficos, ou seja, de referenciais teórico-metodológicos preocupados com a totalidade, em que pese o importante investimento do GT no estudo de questões singulares, pontuais.

Enfim, foi surpreendente constatar a dupla atuação do GT, ao menos nos últimos 10 anos: enquanto os trabalhos selecionados por meio de

demanda espontânea, pareceres *ad hoc*, comitê científico incidiam majoritariamente sobre temas pontuais, referidos à história cultural, à nova história etc., os trabalhos encomendados tinham por objetivo o debate mais amplo sobre a própria história da educação e sua investigação. Surpreendente porque, pelos trabalhos apresentados, parecia que o debate teórico, quase que silenciado por certo tempo, digamos, na década de 1990, retornasse pelas mãos dos próprios dirigentes do GT. Além de surpreendente, muito auspicioso.

De fato, o debate sobre questões teóricas e metodológicas esteve sempre presente em várias instâncias, nos PPGEs e em outras associações. No que se refere às relações entre o particular e o geral, há várias posições em jogo. Alguns consideram que os estudos das particularidades escolares podem se tornar um beco sem saída porque, muito dificilmente, permitirão a compreensão da totalidade histórica e, assim, seriam desperdício de tempo e energia. Outros, ao contrário, para quem a razão humana fracassou no entendimento da totalidade do real, defendem a necessidade de se dedicar ao estudo das particularidades em si mesmas. Há finalmente, os que, como nós, insistem na importância de se explicitar a relação dialética entre o particular e o geral, isto é, o contexto econômico, político, social e cultural. (Nosella & Buffa, 2009).

Os estudos sobre a produção do GT-HE nesses 30 anos de história revelam que sua contribuição para a consolidação do campo é inestimável. De uma disciplina que constava dos currículos das escolas normais e dos cursos de pedagogia com o objetivo principal de transmitir valores, de contribuir para a formação dos novos professores (o que, diga-se, não é nada desprezível), tornou-se, pelo esforço e dedicação de muitas pessoas, um campo de investigações e produções conceituado, prestigiado. Aliás, um grupo de estudos e debates em educação que chega a comemorar 30 anos de existência é por si só motivo de júbilo, ainda mais em um país em que a educação só é importante nos discursos, *flatus vocis*, mera emissão de voz.

Tais estudos revelam também que, passada a primeira infância, o GT procurou se organizar, definir seus objetivos e ações, construir sua identidade, passando, desde o final do século XX, a ser marcado teoricamente pela hegemonia da nova história: história em migalhas, história das mentalidades, da vida cotidiana, das mulheres, dos

microacontecimentos educacionais. Enfim, são os novos paradigmas contrapondo-se aos velhos, oriundos dos dois grandes sistemas filosóficos, cujo debate marcou o final do século XIX e início do século XX: o positivismo e o marxismo.

Nesse período, que de certa forma ainda perdura, o GT enveredou pelo pluralismo epistemológico e temático, privilegiando o estudo de objetos singulares, os mais variados.

Quero crer que o auge dessa fase já tenha passado. Os comentários que fiz sobre os trabalhos encomendados nas 10 últimas reuniões constituem, suponho, um indicador de que alguma coisa se mexe no GT. Será que nos cansamos de narrativas sobre como se vestiam as crianças no século passado, que histórias liam, o que as professoras primárias brasileiras escreviam em suas cartas e para quem as enviavam, as lições dos livros didáticos, as festas escolares, as músicas que cantavam as crianças? Enfim, de memórias que sempre constituíram belo material para a literatura?

Conforme Nosella e eu assinalamos num texto de 2005, o aspecto positivo dessa fase dos estudos históricos que marcou o campo da história da educação e do próprio GT é a ampliação das linhas de investigação, seja pela diversificação teórico-metodológica seja pela utilização das mais variadas fontes de pesquisa. No entanto, para vários estudiosos, o que ocorre é, no fundo, uma fragmentação epistemológica e temática que dificulta a compreensão da totalidade do fenômeno educacional. Mais ainda, os críticos veem na chamada crise dos paradigmas um movimento antimarxista e de abandono da perspectiva histórica. Notamos, nesse mesmo artigo, que tanto a fotografia de alunos descalços de uma escola profissional como a de uma aluna de grupo escolar, de uniforme azul e branco, numa escrivania, tendo ao lado, o globo terrestre, suscitam nos culturalistas o mesmo encantamento. Nenhuma indignação.

Se retomo tais ideias, defendendo uma visão de totalidade da educação não é pelo puro prazer de polemizar. É que sinto uma enorme tristeza ao ver tanto esforço e dedicação, tantas energias dispendidas por tantos acadêmicos, a ponto, de muitas vezes, esquecerem suas próprias vidas pessoais, no quadro tão desolador do país e de sua educação. Afinal, estudar, pesquisar, escrever, para quê?

Considerações Finais

Platão, ao finalizar o décimo e último livro da República, conta o mito de Er, guerreiro morto no campo de batalha, que voltou à vida para relatar o que vira no Hades. Er testemunhou que os que haviam cumprido suas penas retornavam à terra, podendo escolher um modelo de vida, mas, dentre as ofertas, existiam muitas armadilhas. Depois de feitas as escolhas, sorviam as águas do Lete para esquecer sua existência anterior. Havia os que as sorviam demais e se esqueciam de tudo. Havia almas, no entanto, que bebiam menos, como os filósofos e os poetas, guardadores do conhecimento e das memórias coletivas (Mello, 2010).

Concluo este texto como comecei: mergulhando na mitologia, invocando deuses, musas, heróis, tentando ser comedida ao sorver as águas do Lete porque é preciso preservar as memórias coletivas. Desta feita, coube a mim fazê-lo, porque estava ali, naquele dia, naquela reunião que criou este GT. Poderia não estar. E se não estivesse ali, não estaria aqui. Felizmente, sou poeta!

Para quem não gosta de mitologia nem de poesia, se é que existe alguém assim, cito Maquiavel que escreveu (com poesia): a história é feita de virtude e de fortuna.

REFERÊNCIAS

- Bastos, M. H. C. (2013). Grupo de Trabalho História da Educação da ANPED: uma breve história. Acessado em: <http://www.anped.org.br/grupos>
- Bittar, M. (2006). O estado da arte em história da educação brasileira após 1985: um campo em disputa. In J. C. Lombardi, D. Saviani, & M. I. M. Nascimento. (Orgs.). *Navegando pela história da educação* (p. 1-24). Campinas, SP: HISTEDBR. Acessado em: <http://www.histebr.fae.unicamp.br/navegando/index.html>
- Boletim ANPED*. (1979). 1(1), 1.
- Boletim ANPED*. (1986). 8(1), 2.
- Buffa, E., Nosella, P., Pucci, B., & Sguissardi, W. (1985). A educação como questão histórica. *Educação em Revista*, 1(1).

- Buffa, E. (2001). *A questão das fontes de investigação em História da Educação* (Série-Estudos, Periódico do Mestrado em Educação da UCDB, n. 12, p. 79-86). Campo Grande, MS: UCDB.
- Catani, D. B., & Faria Filho, L. M. (2002). Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas pelo GT História da Educação da ANPEd (1985-2000). *Revista Brasileira de Educação*, (19), 113-128.
- Lopes, E. M. T. (1985). História da educação ou educação pela história. *Educação em Revista*, 1(1), 8-12.
- Mello, S. (2010). *Apresentação do livro de Buffa, E. Feira da sucata e da barganha*. São Paulo, SP: Casa Editora de Almeria.
- Nosella, P., & Buffa, E. (2009). *Instituições escolares: por que e como pesquisar*. Campinas, SP: Alínea.
- Nosella, P., & Buffa, E. (2005). As pesquisas sobre instituições escolares: o método dialético marxista de investigação. *EccoS Revista Científica*, 7(2), 351-368.
- Nunes, C. (Org). (1989). Diretrizes e bases da educação: o nacional e o regional na história da educação brasileira. *Cadernos ANPEd*, (2), 10-14.
- Vidal, D. G., & Faria Filho, L. M. (2003). História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). *Revista Brasileira de História*, 23(45), 37-70.
- Warde, M. J. (1990). Contribuições da história para a educação. *Em Aberto*, 9(47), 3-11.

Submetido em: 21/01/2016

Aprovado em: 13/04/2016

Este é um artigo de acesso aberto, distribuído sob os termos da licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução irstritos, em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.